

Identificação e atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação na universidade

Resumo

Este estudo qualitativo trata sobre o professor universitário diante da identificação e do atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação, cujo lócus da pesquisa foi uma universidade pública localizada no Estado do Paraná. O objetivo principal do trabalho foi investigar se os professores universitários reconhecem alunos com altas habilidades/superdotação, como o fazem e que estratégias metodológicas adotam para a inclusão educacional destes, na universidade. Entrevistou-se 9 (nove) professores universitários que possuem entre 5 (cinco) e 40 (quarenta) anos de docência; com formação diversificada, sendo que 66,6% dos entrevistados foram indicados por alunos superdotados da universidade em estudo e 33,3% indicados pela coordenação do seu Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais. Sobre a concepção de altas habilidades/superdotação que os professores universitários têm, conclui-se que, em sua maioria, é constituída por informações do senso comum, não sistematizadas e que dificultam a aplicação de procedimentos pedagógicos que atendam aos critérios necessários para organização de práticas de enriquecimento curricular.

Palavras-chave: professor universitário; altas habilidades/superdotação; inclusão educacional

Denise Maria de Matos Pereira Lima

Universidade Federal do Paraná
frdmatos@uol.com.br

Laura Ceretta Moreira

Universidade Federal do Paraná
lauracmoreira@gmail.com

I. Apresentação

Esta pesquisa buscou, na voz do professor universitário, uma melhor compreensão acerca do processo de inclusão do aluno superdotado no ensino superior. As questões que impulsionaram a realização deste estudo indagaram sobre a identificação e o atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação, por professores da universidade em estudo: “Professores da Universidade identificam alunos que apresentam altas habilidades/superdotação?”, “Estratégias de enriquecimento curricular fazem parte da prática dos docentes da Universidade, possibilitando melhor desempenho dos alunos com altas habilidades/superdotação?”.

Através de um cuidadoso estudo das publicações na área e mediante a consulta aos bancos de dados das universidades, da bibliografia e legislação disponível sobre o tema, foi elaborado o aporte teórico deste texto. Autores como: Renzulli (2004, 2001, 1997); Alencar (2010, 2001, 2003, 1990); Pérez (2009, 2008, 2004); Freitas (2006); Cunha (2005); Bardin (2009); Minayo (2003); Richardson (2006); Sampieri *et al.* (2006), dentre outros, foram consultados para subsidiar a construção do texto, do(s) instrumento(s) de coleta e análise de dados.

O estudo qualitativo, exploratório, utilizando uma postura reflexiva na análise dos dados, proporcionou investigar esta temática, ainda pouco estudada, especialmente, no ensino superior. Destacamos que, a transcrição exata das respostas apresentadas neste texto, obtidas através entrevista semiestruturada, traduz o cuidado em não interferir e demonstrar os dados exatamente como coletados (SAMPLERI *et al.*, 2006). A maioria das entrevistas ocorreu nas dependências da Instituição onde se realizou o estudo, com a pronta disponibilidade dos entrevistados, o que favoreceu a obtenção das respostas.

Entrevistamos nove professores universitários que possuem entre cinco e quarenta anos de docência; com formação diversificada, sendo que 66,6% dos entrevistados foram indicados por alunos superdotados da universidade e 33,3% indicados pela coordenação do seu Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais. A identidade dos alunos e dos professores participantes foi mantida em sigilo, sendo que, aos professores foram dados nomes fictícios para apresentação dos dados coletados,

sendo estes nomes: Fernando, Henrique, Mariana, Eliana, Antonio, Frederico, Juliana, Leonardo, e Rafael.

II. Exposição e discussão dos dados

Neste artigo, apresentamos os recortes mais relevantes da pesquisa de campo, traçando um paralelo com a pesquisa teórica, para explicar o tema e justificar as reflexões que dão conta de apresentar respostas às problemáticas apresentadas.

Para investigar se professores da Universidade identificam alunos que apresentam altas habilidades/superdotação, uma das questões para a abordagem foi: “Em sua opinião, quais são os comportamentos característicos de um aluno superdotado em situações de aprendizagem?” e Rafael enfatizou a questão da nota, do desempenho nos testes:

- “[...] excelentes, tem alunos com 'IRA 0,97 ou 0,98 [...] é o aluno que tem facilidade no estudo, facilidade no geral, e excelente [...] porque é a nota que vai mostrar [...] são muito críticos [...] pessoa com facilidade de aprender [...]” (Rafael).

Renzulli (1986) fala sobre a superdotação do “tipo acadêmico”, que tem muita semelhança com o perfil descrito por Rafael:

As pessoas que a apresentam geralmente são aquelas que costumam ter notas ou conceitos altos na avaliação escolar ou um desempenho destacado em atividades que envolvam o raciocínio verbal e lógico-matemático e, em consequência, tendem a ter uma melhor adaptação ao ritmo da sala de aula; geralmente representam de 3 e 5% de qualquer população (RENZULLI, 1986 *apud* PEREZ, 2008, p. 66).

Mariana destaca vários comportamentos que os superdotados podem apresentar na aprendizagem. Todos esses comportamentos se comprovam nos estudos da área.

[...] originalidade, é a criatividade [...] acúmulo de conhecimento [...] acúmulo teórico de conhecimento sistematizado em várias áreas [...] ele é diferente, pela maneira com que ele resolve os problemas [...] chama atenção, e não é na profundidade ou na qualidade, não é, é na forma de abordar aquele conhecimento, aquela opinião, aquele ponto de vista. [...] envolvimento com a tarefa [...] o cara é brilhante, mas ele não consegue cumprir o programa [...] (Mariana).

Quando Mariana apresenta a questão da resolução de problemas e acúmulo de conhecimento, Alencar e Fleith (2001, p. 127) relatam que os superdotados são capazes de “[...] aplicar o conhecimento e os processos de pensamento de uma forma integrada, orientada, para a solução de problemas reais. Sobre o não cumprimento do programa, remetemos ao texto de Bates e Munday (2007, p. 28) quando falam sobre algumas características daqueles estudantes superdotados que não se destacam nos estudos, dizendo que eles apresentam “trabalho escrito insatisfatório, tendência para deixar suas tarefas incompletas, desorganizadas e fazer o mínimo necessário para aprovação”. Entretanto, lembramos que isso pode ocorrer quando o aluno encontra-se muito desmotivado pela rotina acadêmica e perde o interesse pelo conteúdo proposto para o estudo.

Os professores Leonardo e Frederico apontam, dentre outras características, a velocidade de raciocínio e a rapidez na aprendizagem, o que os leva a concluir rapidamente as atividades e os desafios acadêmicos, ou seja, a articulação de pensamento como característica do aluno superdotado:

[...] velocidade de raciocínio, facilidade de compreensão, eu acho que é isso mesmo, rapidez de processamento de informações, consegue processar bem rapidamente e absorver informações e aquilo que é a média de uma aula de duas horas pra captar, de repente, ele consegue em um tempo bem menor e de repente os conteúdos ficam triviais pra ele, ele não tem necessidade de estudar em casa, ele já absorveu tudo dentro de sala de aula, e aí ele acaba se desmotivando porque aquilo pra ele é rotineiro [...] (Leonardo).

[...] capacidade do aluno de extrapolar [...] a capacidade de associação [...] associação de ideias, de interdisciplinaridade [...] o aluno ele passa pela análise, que é a capacidade de ler um texto e decompor, e depois sintetizar isso diferente, trazendo como se fosse um ímã [...] enxergando além das barreiras [...] (Frederico).

Uma das características mais discutidas e apontadas por pesquisadores consiste na facilidade e rapidez para a aprendizagem (SILVA, 2000; PÉREZ, 2004; ALENCAR, FLEITH, 2001), que também está presente no documento oficial do MEC, o Parecer 17/2001 (BRASIL, 2001, p. 18) “[...] grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes [...]”.

Nas áreas em que o estudante superdotado não tem muito interesse, pode haver falta de motivação, acarretando baixo nível de concentração e atenção. Sabemos que a atenção e a concentração são pré-requisitos básicos no processamento cognitivo. Deste modo, esse estudante poderá demonstrar baixo rendimento acadêmico, como citou Leonardo e como cita, também, Juliana:

[...] dificuldade pra se concentrar, justamente pela falta de interesse no que está sendo apresentado, quer dizer, aquilo pra ele já não é mais novidade então ele não vê porquê, talvez uma certa irritabilidade, talvez em alguns momentos [...] vontade de fazer coisas diferentes [...] perguntas que surpreendam o professor que mostra que ele realmente entende do que está sendo falado e que tem uma visão diferente [...] (Juliana).

Uma das causas para a dificuldade de concentração em atividades rotineiras pode ser pelo tipo de superdotação que o estudante apresenta. O tipo acadêmico como nos referimos anteriormente, se adapta muito bem à rotina acadêmica, pois para ele a organização convencional da instituição não sobrepõe à necessidade de acesso ao conhecimento. No entanto, o outro tipo de superdotação, a produtivo-criativa, traz consigo características como flexibilidade e preferência por complexidade, como cita Sodré (2006, p. 74):

Flexibilidade: trata-se da habilidade de ver alternativa ou adotar-se estratégias alternativas na resolução de tarefas. Este conceito, central em muitas definições de criatividade, também se refere a diferentes formas de solucionar problemas matemáticos.

Preferência por complexidade: vários estudos com alunos superdotados indicam a sua preferência por atividades complexas: não só preferem problemas mais complexos, mas sugerem mudanças em alguns jogos ou atividades para que os mesmos passem a ter níveis de complexidade mais altos.

Como acrescentou a professora Juliana, este aluno normalmente surpreende o professor com suas respostas aparentemente espontâneas e diferenciadas do grupo. Foi o que Henrique sugeriu em sua resposta:

- “[...] eu ia saber se ele me dissesse uma coisa que não está ali, mas está em outro lugar. Eu esperaria uma coisa brilhante dele. Uma contribuição brilhante.” (Henrique).

O que o professor Henrique espera do superdotado, obviamente que ele poderá expressar. Estas pessoas são inusitadas, imprevisíveis e sabem muito sobre muitos assuntos. Mas, entendemos que se deve levar em conta que estas “contribuições brilhantes”, como foram sugeridas, ocorrerão à medida da intensidade do envolvimento deste estudante com a área de estudo.

Segundo Silva (2000, p. 37), pesquisadora portuguesa, há possibilidade de desequilíbrio que o aluno com altas habilidades/superdotação (chamado por ela de *sobredotado*) poderá apresentar e que, nesta condição não conseguirá demonstrar o brilhantismo tão esperado pelos professores:

Se para os sobredotados com todas as capacidades acima da média e desenvolvidas de forma harmoniosa o problema principal possa eventualmente ser apenas o de se conseguir uma boa e equilibrada estimulação do seu potencial, o que nem sempre se torna tão fácil como poderá parecer à primeira vista, uma vez que desejam e exigem sempre mais e mais e as estruturas não estão aptas a corresponder a essa necessidade, os sobredotados com desequilíbrio de desenvolvimento nas suas capacidades podem ter de enfrentar situações de não aceitação que degeneram muitas vezes em frustração, desmotivação e, não raro, em problemas do foro psicológico e/ou fisiológico.

Da mesma forma, o que o professor Fernando nos aponta é de fato muito importante para a aprendizagem e dá sequência à questão das intercorrências socioemocionais refletidas no comportamento do estudante superdotado:

Bom, são vários possíveis comportamentos, um deles é que ele não se entrosou socialmente no grupo ao qual ele pertence, em geral tem poucos amigos, em geral é um sujeito considerado esquisito, em geral tende a ter mais contato com pessoas de mais idade, adultos, gosta de conviver com adultos e trocar ideias com adultos, normalmente um tio ou avô, ou alguém que tem mais paciência, e mostra um alto grau de inteligência, mostra uma capacidade de memória notável. (Fernando)

Para análise desta resposta, precisamos entender que muitos dos estudantes que ingressam na universidade têm idade em torno dos dezessete anos. A transição entre a escolarização do ensino médio para a universidade é, de fato, o início de uma série de mudanças na vida do adolescente/jovem. Essas mudanças se dão desde a rotina dos

estudos, a necessidade de convívio com novas pessoas, a compreensão da dinâmica da universidade até as novas aprendizagens de conteúdos. Costa (2007, p. 109-110), ao relatar sobre o adolescente superdotado, diz:

Na adolescência, os conflitos e as inseguranças próprias da idade circulam junto à necessidade de expansão de ideias, desejos, realização de expectativas. Há uma procura ainda mais exacerbada por respostas aos desafios que o ambiente impõe ao adolescente. A inquietação que desafia – pais, professores e profissionais que convivem com adolescentes – é o de conhecer o como se processam as mudanças características desta fase de desenvolvimento, considerando as especificidades próprias das altas habilidades.

Alencar e Fleith (2001, p. 106-107) elencam as especificidades que se relacionam diretamente com questões socioemocionais, que transitam por toda a vida da pessoa superdotada: idealismo e senso de justiça, perfeccionismo, alto nível de energia envolvido na realização de atividades, senso de humor desenvolvido, paixão por aprender, perseverança, inconformismo, sensibilidade às expectativas dos outros, sensibilidade emocional, consciência aguçada de si mesmo.

Dando sequência a investigação para saber se os professores universitários reconhecem os comportamentos de superdotação, eles foram indagados acerca da possibilidade de um aluno superdotado apresentar bom rendimento acadêmico em determinadas áreas do conhecimento e baixo rendimento em outras, desfazendo, assim, o mito de que ele deve ser "bom em tudo". Desta forma suas respostas encontram-se no Quadro 3.

Professor	Respostas
Mariana	“Não, não. A minha experiência é que eles nunca são bons em todas [...] a minha experiência como profissional é que esse aluno original ele é mediano, ele nunca tá lá no 10, um aluno 7 ou 8, e às vezes até 6, como ele se dispersa em múltiplos interesses e cada coisa ele quer fazer com profundidade, alguma coisa sobra, porque não dá tempo de fazer tudo com profundidade [...]”
Frederico	“Eu acho que ele não precisa ser bom em tudo [...] Então pode ter um aluno gênio aí que de alguma forma, jamais vai ser o primeiro da sala [...]”
Henrique	“Nem sempre o aluno que sabe bastante é o que primeiro apresenta uma proposta de resolução da questão. E, às vezes, tem gente que é muito inteligente mas é quietinho, mais tímido, até não gosta de aparecer muito.”
Antonio	“Eu acho que aqueles que são bons em tudo são aqueles que são muito focados dentro deles, então decoram [...] tem matérias que a gente gosta mais e mexem mais

	com você, outras você apenas estuda para passar direto, com média 7, então é normal.”
Fernando	“Bom, dois aspectos que nós podemos pensar a pessoa pode ser um generalista, sendo um pouco de tudo e ter a capacidade de trabalhar em grupo, essa é uma, outra alternativa é você ter o grande especialista, em que ele vai só para uma área e vai ficar só dentro daquela área [...]”
Eliana	“É, na maioria, ele pode ter uma deficiência em algumas disciplinas, porque como é muito diferente, nosso curso tem uma parte biológica muito forte e tem uma parte de ciências exatas muito forte, ele pode ter uma tendência, por exemplo se ele gosta mais de biologia e bioquímica e não gosta tanto de cálculo, ele vai se dar bem também, porque ele vai pra uma área que às vezes não vai exigir tanta matemática, e essa opção ele tem no curso, então ele pode ser um aluno bom, ele pode ser um engenheiro de bioprocessos bom, mesmo sendo deficiente em alguma coisa.”
Leonardo	“Eu acredito que sim, a gente observa que, assim, em geral ele é mais ou menos homogêneo, mas acontecem casos de alunos que têm notas extremamente altas em algumas disciplinas exatas, por exemplo, e não se dão tão bem em disciplinas da área de biológicas e química, ou vice e versa, então, no curso é comum acontecer esse tipo de coisa.”
Rafael	Pra mim não. Pra mim não tem esse problema não, pois como te falei, às vezes ele dá importância pra uma matéria e pra outra ele não dá, pois eles sabem mais ou menos o que eles querem [...]

Quadro 3 – Índices de desempenho indicados pelos entrevistados.

NOVAES (1979, p. 56) já dizia que a falta de motivação e de interesse pelas atividades acadêmicas, geralmente, estão ligadas “ao nível de suas potencialidades, devido ao despreparo dos professores para lidar com esses alunos” e aos currículos inadequados.

Renzulli (1999) alega que o rendimento do aluno está relacionado com a motivação, o que nos remete a prática pedagógica coerente com as necessidades de aprendizagem que este estudante apresenta:

[...] deve haver alta motivação para usar essa capacidade, e ela deve ser expressa de forma criativa ou incomum. Por insistir na clara expressão da superdotação, [...], por uma variedade de razões, não querem demonstrar seus talentos nas formas que estão sendo mensuradas. (p.11)

Renzulli (2004) em sua Teoria dos Três Anéis destaca a motivação como um dos anéis que integra a intersecção dos elos, que dão a dimensão do comportamento de superdotação. A motivação está relacionada com o comprometimento com a tarefa ou com a área de estudo.

Em continuação às questões que investigam sobre a identificação de aluno superdotado, perguntamos: “Nas turmas em que exerceu e/ou exerce docência na Universidade, considera que havia e/ou há alunos com altas habilidades/superdotação? Comente sua resposta.” Algumas respostas estão elencadas no Quadro 4.

PROFESSOR	RESPOSTAS
Mariana	“Eu considero que sim, eu já disse que sou meio arredia com esse conceito, mas eu acho que sim, certamente, não muitos.”
Henrique	“Então, vamos ver, em um grupo de 100 alunos, eu posso dizer: olha, temos quatro que eu diria que até posso convidar para um dia trabalhar aqui e acompanhar o ambulatório porque eu acho que tem um potencial muito grande. Agora, pode ser que tenham outros que eu ainda não consegui detectar.”
Frederico	“Existe. Eu identifiquei uma aluna [...] abri uma seleção pra iniciação científica e essa aluna acabou sendo selecionada [...] e comecei a identificar habilidades nela, e ela estava num nível igual ou acima dos meus alunos (de mestrado) [...]”
Fernando	“Nos meus 35 anos de sala de aula, em termos universitários, encontrei alunos brilhantes, mas nenhum superdotado, que eu pudesse ter identificado.”
Eliana	“Não digo assim, superdotados, tive alunos muito bons, mas acho que o superdotado, ele é um termo que ele é mais específico, talvez eu não tenha tido contato com um aluno superdotado.”
Antonio	“Então, em aula, se ninguém me falar é mais difícil, o que eu percebo se tiver condição, aqueles que são mais focados, não por esse motivo (superdotação), mas aqueles que são mais focados pela matéria em si [...]”

Quadro 4 – Docência para estudantes com altas habilidades/superdotação.

A identificação pelo professor, da superdotação, se faz necessária devido ao envolvimento com sua prática pedagógica, como Freitas e Pérez recomendam:

Isso envolve o trabalho do professor, que deve conhecer o seu aluno e possibilitar enriquecimento curricular em consonância com a equipe escolar para que sejam consideradas as individualidades, peculiaridades e as habilidades específicas destes alunos no contexto escolar. Para isso, além da exigência da formação do professor, é necessário seu desempenho e a organização de recursos diferenciados, oferecendo a estes alunos um maior aprofundamento curricular (2010, p.10).

Também perguntados: “Você já foi informado de que um de seus alunos é superdotado? Quem o informou e por quê?”, nosso critério foi tentar identificar o envolvimento da Instituição com a inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação, bem como, a preocupação com as estratégias pedagógicas na prática docente, respostas no Quadro 5.

PROFESSOR	RESPOSTAS
Rafael	- “Não, nunca.”
Mariana	- “Não, só pelo próprio aluno. O próprio aluno chegou e disse que era, eu não concordei que ele fosse, mas eu também não discordei dele na hora, ele disse “é que eu fui identificado pela profissional tal, que vem me acompanhando, porque eu sou bom nisso, naquilo, naquilo e naquilo”, o aluno disse, mas eu não constatei isso mas eu aceitei que sim.”
Leonardo	“Não, nunca..”
Henrique	“Não, não recebi nenhuma informação, nem de coordenador de curso, nem de outro professor que comentasse [...]”
Eliana	“Não, a gente percebe que tem alunos que são muito bons, diferenciados, talvez até sejam superdotados, mas a gente procura sempre colocar eles assim, como alunos bons. Não, nunca, graças a Deus não.”
Antonio	“Não, nunca fui informado não.”

Quadro 5 – Informados sobre estudantes com altas habilidades/superdotação no curso em que atuam.

A informação sobre a condição de altas habilidades/superdotação deve chegar ao professor de sala de aula, pois a questão do atendimento é assegurada pela legislação e a ação estratégica educacional que pode facilitar o processo de inclusão cabe aos professores que planejam e efetivam diferentes práticas pedagógicas (FREITAS e PÉREZ, 2010).

O enriquecimento curricular faz parte das estratégias sugeridas para atender as necessidades de aprendizagem do aluno superdotado. Esta indicação consta na legislação vigente e é indicada por pesquisadores da área.

O enriquecimento do atendimento/intervenção no caso dos alunos com altas habilidades/superdotação pode ser realizado de diferentes formas, no contexto curricular, com flexibilização dos conteúdos curriculares, adaptações, alterações nos objetivos e metodologia, como também extracurriculares, disponibilizando programas de desenvolvimento pessoal do sujeito, que podem ser realizados individualmente ou em pequenos grupos. Estes programas de enriquecimento visam aumentar e/ou aprofundar os conteúdos a extensão do conhecimento e a utilização de novas estratégias e métodos de ensino para os diversos níveis de escolaridade. (FREITAS e PÉREZ, 2010, p. 10)

Sabendo que a prática pedagógica está relacionada com a identificação do sujeito a que ela se destina e, dando sequência à investigação, buscando saber se práticas de enriquecimento curricular fazem parte das ações dos docentes da Universidade,

questionamos os entrevistados: “Caso haja um aluno superdotado na turma, considera importante modificar as estratégias pedagógicas? Comente sua resposta”. Rodrigues (2006) na sua abordagem acerca da “educação inclusiva” diz que esta se destina para alunos “diferentes” e coloca que se não proporcionarmos enfoques diferenciados ao processo de aprendizagem, estaremos oferecendo uma educação desigual para os alunos.

Analisando as respostas vimos que há professores que reconhecem a necessidade da adoção de práticas específicas para atender a este alunado, como é o caso dos professores Fernando, Henrique e Antonio, que além de concordarem, apresentam algumas propostas de encaminhamento:

[...] eu penso que embora seja uma tarefa extra, o professor deveria preparar toda vez que ele faz a preparação na sua sala de aula, no conteúdo de química, física, matemática e biologia, ele deveria dar um passo além ou dois passos além, e preparar um material específico pra esse aluno excepcional, não digo excepcional nesse sentido, mas que mostra altas habilidades, o que não se sente desafiado com aquele currículo. [...] pensando mais em termos universitários, ou ensino médio, reunir professores dessa mesma área e produzirem material, algum tipo de material que fosse mais direcionado para o aluno que mostra altas habilidades. Eu penso que esse aluno, se ele tem essa alta habilidade ele poderia ser um dos tutores, porque se ele se considera, e ele realmente tem essa capacidade, ele poderia ter um orientador de mestrado ou doutorado, que adiantasse alguma disciplina direcionada para seu interesse, e esse mesmo aluno com superdotação na universidade poderia servir como tutor junto com essas escolas [...] (Fernando)

Hoje, eles não querem mais saber de aulas clássicas, eles não querem saber de aulas clássicas [...] É um ensino baseado em problemas.[...] Então eu dou um material para eles uma semana antes e peço pra eles lerem o assunto. Daí eu levo questões propostas sobre aquele assunto. Quero dizer, o aluno que leu o conteúdo ele sabe o que nós estamos conversando em sala.[...] uma coisa que eu acho que é importante porque a gente tem sempre que pensar na interação entre o aluno e o professor. Isso aqui gera comprometimento! [...] Então essa via de dois caminhos, do aluno e do professor tem que saber inteirar. Não adianta só de um lado. [...] Então a gente também tem que ir adaptando assim, da melhor forma. (Henrique)

Então pra não desmotivar não é que eu tinha uma estratégia especial, mas sempre eu tinha uma coisa no computador para ela ler e ela lia. (Antonio)

O professor Frederico é incisivo na sua posição a respeito, no entanto, não apresenta estratégias:

- “Eu acho, eu acho importante e acho que esse aluno tem que ser aproveitado, o Brasil precisa valorizar muito, tem muita coisa ali.” (Frederico)

Os professores Mariana e Leonardo reconhecem a necessidade de modificação da prática pedagógica, no entanto, admitem despreparo para elaborar tais estratégias:

- “Eu acho que sim, eu não sei como fazer, mas certamente, um aluno superdotado na turma, é incrível como mexe com a gente, [...] eu acho que o aluno superdotado me puxa pra buscar sempre ser mais original [...]” (Mariana).

- “Eu acho que é possível e necessário, mas eu ainda acho que nós não temos condições por falta de capacitação mesmo, eu não me sinto capacitado pra isso, eu não sei como fazer isso, se eu tivesse auxílio eu adoraria fazer isso.” (Leonardo).

Alguns entrevistados manifestaram preocupação com relação aos demais alunos da turma, quando se oferece estudos e atividades diferenciadas para o superdotado. Observe suas arguições:

- “Não, acho que não. Porque ele vai aprender tudo aquilo que a gente tem que passar pra turma só que com mais facilidade.” (Eliana)

- “[...] é que pra mudar em função de um aluno, você já vai causar um conflito porque os outros alunos não vão aceitar, o restante da turma não aceita que vai ser feito um diferencial para aquele aluno que eu considero especial.” (Rafael)

- “Eu acho que seria importante, mas é preciso ponderar isso em cima da turma, se eu modificar a estratégia em função de um aluno e os outros se prejudicarem, eu acho que seria importante fazer isso sim, mas desde que não prejudicasse os demais.” (Leonardo)

A universidade parece não diferir de outros níveis de ensino que buscam a homogeneização dos alunos. A tão discutida busca pela igualdade se torna instável quando se fala em diversidade ou igual direito a ter direitos.

Em muitos momentos a universidade ainda apresenta rigidez de postura, repetição de método e não dá conta das constantes mudanças e demandas da sociedade.

Neste momento em que a educação inclusiva torna-se uma demanda evidente, a rigidez não na prática, seja ela para o cotidiano da sala de aula, seja com relação a avaliação, pode não contribuir para a ação docente.

Não só o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula poderá ser significativo para o estudante superdotado. Estes alunos estão inseridos em um contexto maior, que é a universidade e esta está posta em um meio social.

Com isso, perguntamos aos professores sobre encaminhamentos possíveis dentro da Universidade, da seguinte maneira: “Você tem conhecimento de algum programa ou projeto na universidade, correspondente à sua área de atuação, que possa contribuir para com a formação do aluno superdotado? Se sim, quais recomendaria?”

O professor Fernando destacou os programas de mestrado e doutorado, as associações organizadas por classes de profissionais e programas organizados pelas coordenações dos cursos de graduação. Confira o relato:

Segundo eu estou informado, cada coordenação desenvolve um programa específico para seus alunos de graduação, e tem uma comissão que desenvolve os programas básicos para os alunos de mestrado e doutorado, eles são aprovados por um consenso geral no ministério de educação e são aprovados também pelas associações de classe, associação de fisiologia, associação de neurociência e comportamento, eles sugerem programas que poderiam ser específicos para o curso de graduação. Não conheço que a universidade tenha alguma provisão de programas específicos para alunos com altas habilidades, talvez caberia se fazer uma enquete sobre em que áreas ele se distingue mais, então sugerir as coordenações de curso, mais de graduação, que se estudassem programas específicos para alunos com altas habilidades.

Integrando o que disse o professor Fernando, a professora Eliana cita os programas de iniciação científica, de monitoria e convênios com instituições estrangeiras.

- Tem, mas com atividades que não são as atividades corriqueiras da graduação, mas tem lá o programa de iniciação científica, tem os programas de monitoria, tem os convênios com instituições estrangeiras, onde ele pode desenvolver um projeto, uma pesquisa pra conhecer outras coisas, pra fazer um diferencial no curso dele, então acho que tem esses programas sim.

O professor Leonardo cita, além do que já foi dito pelos colegas, os estágios como forma de enriquecimento curricular para alunos com altas habilidades/superdotação, os programas de extensão.

- Eu acho que, programa de extensão, de bolsa científica pode auxiliar né? Porque eu acho que os alunos têm uma boa gama de escolhas aí, tem várias áreas de pesquisa, é bem flexível, por exemplo um aluno que faz o nosso curso não é impedido de buscar estágio em outro curso que não seja vinculado ao nosso departamento [...] Então, de forma geral, extensão, iniciação científica, agora algo mais específico pensando no aluno superdotado eu não conheço.

Destacamos a resposta do professor Frederico, porque apesar de desconhecer possibilidades de encaminhamento diferentes daquelas citadas pelos colegas, demonstrou ser favorável a este tipo de prática ao demonstrar que orienta seus alunos sobre os procedimentos como a conquista de bolsas de estudo e o desenvolvimento de projetos de pesquisa *stricto sensu*:

- Não, não tenho no momento [...] eu pego meus alunos e dou aula do que é CAPES, CNPq, o que é uma bolsa, o que é uma dissertação, uma tese e é muito raro um ou outro, é uma visão muito unilateral minha, uma insistência muito difícil, então hoje o mestrado e doutorado da administração não tem relação alguma com a graduação e isso é terrível, inaceitável. (Frederico)

Diante do exposto, fazemos uma reflexão sobre o que conseguimos saber a respeito da percepção dos professores universitários acerca da identificação e das estratégias de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação.

III. Considerações finais

Partindo da premissa de que já poderiam existir programas e ações ofertados pelas universidades que promovem o aprofundamento e ampliação dos conteúdos para suprir as necessidades de aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação, ainda nos faltava clareza sobre a utilização destes recursos pelos professores, focando esta finalidade. A relevância da investigação sobre enriquecimento curricular na universidade surge quando não encontramos respostas na literatura disponível, a considerar livros e pesquisas publicadas e disponibilizadas nos bancos de dados nacional

e internacional. Também não foi possível identificar programas específicos para atender este alunado nas universidades brasileiras e a maioria das pesquisas e programas se referem ao público da educação básica e não do ensino superior.

Entendemos que as universidades estão estruturadas com recursos materiais e humanos que propiciam grandemente as possibilidades de atendimento às diversas demandas da área de altas habilidades/superdotação. Mas, considerando os dados obtidos dos entrevistados sobre as estratégias voltadas para o enriquecimento curricular, foi preciso compreender mais detalhadamente a dinâmica da universidade sobre diversos aspectos, tais como: pesquisas, implementação de ações, parcerias, encaminhamentos para programas, dentre outros.

Entendemos que a concepção que se tem sobre a temática em questão pode ser determinante para identificação e para a organização de estratégias pedagógicas que atendam a demanda para aprendizagem do aluno superdotado. Por isso, considerar os professores universitários como sujeitos desta pesquisa foi um dado relevante que contribuiu para uma melhor compreensão sobre como se dá o processo de formação de docentes para o ensino superior e como os conhecimentos sobre o aluno superdotado aparecem neste contexto.

Verificamos, no entanto, que nem o tempo de docência, nem tão pouco o nível de formação do professor, contribuiu para promoção de conhecimentos específicos sobre as altas habilidades superdotação, permitindo-lhes identificar, seguramente, alunos superdotados. Os dados coletados demonstraram que esta temática ainda causa divergências de opiniões, provoca muita curiosidade e que os conceitos da maioria dos entrevistados sobre o aluno com altas habilidades/superdotação, circundam por entre mitos e afirmações que procedem do senso comum. Os mitos mais evidenciados durante as entrevistas foram: o aluno superdotado sempre tira notas muito altas; o superdotado possui desajuste socioemocional; o superdotado não pode receber tratamento diferenciado em sala de aula e, além destes, acreditam que estes estudantes estão presentes nos cursos de maior concorrência no vestibular ou de escores mais elevados.

Volver o olhar do docente universitário, com relevância tal que o impulsione a mover-se em busca de informação, formação, habilitação, a fim de torna-lo qualificado para identificar as características e necessidades de aprendizagem destes alunos, implementar políticas públicas e divulgá-las são ações necessárias para propiciar a realização das modificações que permitem a adoção de uma configuração de currículo com propostas adequadas e que privilegiem o desenvolvimento das capacidades dos estudantes e maior envolvimento destes com a aprendizagem. Reafirmamos, com esta pesquisa, que a ampliação, aprofundamento e enriquecimento curricular contribuem para o ajustamento socioemocional do aluno superdotado.

Acreditamos que quanto mais pesquisas houver nesta área, maior o conhecimento e, por conseguinte, maior será a contribuição para que os mitos sejam extirpados deste meio. Enfatizamos a necessidade de que o professor universitário seja conhecedor, não só da sua área de atuação, mas também sobre o desenvolvimento humano, sobre as peculiaridades e diversidades dos comportamentos, bem como sobre as necessidades de aprendizagem específicas do público-alvo da educação especial, dentre eles, os superdotados.

Esta pesquisa demonstrou que alguns professores desenvolveram estratégias para dar conta da demanda de alunos mais participativos, exigentes quanto ao nível de conteúdo e com um perfil que se assemelha ao do aluno superdotado, considerado por eles como “muito inteligente”. Estas estratégias vão desde textos extras para leituras, solicitação de maior participação do aluno durante as aulas, encaminhamento para grupos de pesquisa e estágios com vistas ao maior aproveitamento do potencial. As estratégias descritas aqui podem ser consideradas como alternativas para promoção de enriquecimento curricular, no entanto, acreditamos que se os professores reconhecessem com mais profundidade as características e necessidades do estudante com altas habilidades/superdotação, poderiam desempenhar estas ações de forma mais específica, elaborada e eficaz.

IV. Referências

- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.
- _____.; _____. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- ALENCAR, E. M. S. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para liberação da criatividade em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- _____. (Org.); FARIA, M. F. B. ; FLEITH, D. S. **Medidas de criatividade**. Teoria e prática. Porto Alegre: ArtMed, 2010.
- ALONSO, J.; RENZULLI, J. S.; BENITO, Y. **Manual Internacional de Superdotados: manual para profesores y padres**. Madrid: EOS, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BATES, J.; MUNDAY, S. **Trabalhando com alunos superdotados, talentosos e com altas habilidades**. São Paulo: Galpão, 2007. (Série Necessidades Educativas Especiais).
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial/Conselho Nacional de Educação, 2001.
- CUNHA, M. I. **Formatos avaliativos e concepção de docência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- COSTA, J. F. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- FREITAS, S. N. (Org.) **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2006.
- GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.
- GUENTHER, Z. C. **Capacidade e talento: um programa para a escola**. São Paulo: EPU, 2006.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NOVAES, M. H. M. **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

PÉREZ, S. G. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão:** o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta. Tese (Doutorado em Educação). Fac. de Educação, PUCRS. Porto Alegre, 2008.

_____.; FREITAS, S. N. **Estado do conhecimento na área de altas habilidades/superdotação no Brasil:** uma análise das últimas décadas. ANPED. GT15 – 5514. Caxambu, 4 a 7 out. 2009.

PÉREZ, S.G.P.B. O aluno com altas habilidades/superdotação: uma criança que não é o que deve ser ou é o que deve ser? In: STOBÁUS, C.D.; MOSQUERA, J.J. (Orgs.) **Educação Especial:** em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. Uma revisão bibliográfica sobre os mitos que envolvem as pessoas com Altas Habilidades In: FREITAS, S. N. (Org.) **Educação e altas habilidades/superdotação:** a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: Editora UFSM, 2006. p. 61-88.

RENZULLI, J. S. **Enriching Curriculum for All Students.** Illinois: SkyLight Training and Publishing Inc –Arlington Heights, 2001.

_____. *et al.* **Escalas de Renzulli (SCRBSS):** escalas para la valoración de las características de comportamiento de los Estudiantes superiores. Salamanca: Amarú Ediciones, 2001.

_____. *et al.* **Scales for rating the behavioral characteristics of superior students.** Tradução Espanhol de Juan A. Alonso, Yolanda Benito Mate, Susana Guerra y Camino Pardo. Salamanca: Amarú, 2001.

_____. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos?** Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Educação. Porto Alegre, ano XXVII, n. 1, p. 75 – 131, jan./abr. 2004.

_____. **The Schoolwide Enrichment Model –** A how-to guide for educational excellence. Connecticut 06250: Creative Learning Press, Inc. P.O. Box 320, Mansfield Center, 1997.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, D. (Org). **Inclusão e educação:** doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

SAMPIERI, R. H.; LUCIO, P. B.; COLLADO, C. F. **Metodologia da Pesquisa.** São Paulo: Mc Graw Hill, 2006.

SILVA, M. **Sobredotados:** suas necessidades educativas especiais. Porto: Porto Editora, 2000.

Identificação e atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação na universidade
Denise Maria de Matos Pereira Lima - Laura Ceretta Moreira